

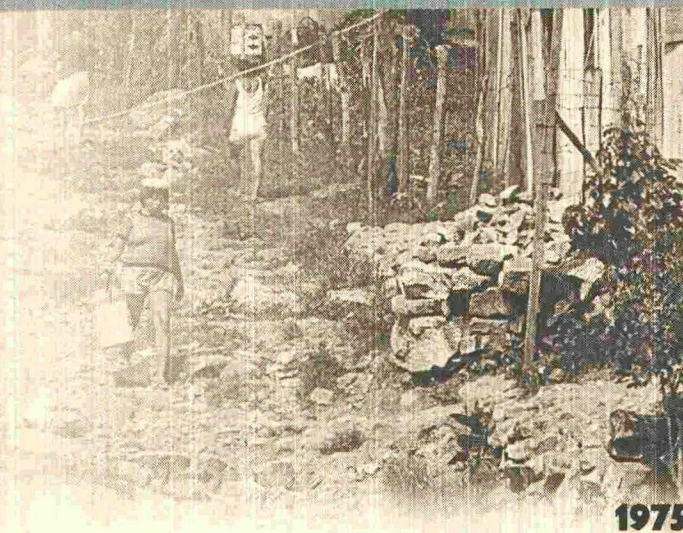
Marcelo Ferreira/CB/16.4.06



2006

VILA PARANOÁ

ONDE MORA CLARA HELENA DE CASTRO ROCHA



1975

Lucio Bernardo/CB/19.11.85

O povoado que nasceu à margem do Lago é resultado de muita briga e garra dos pioneiros

História de garra

ÉRICA MONTENEGRO

DA EQUIPE DO CORREIO

Basta um passeio pelo Parque Vivencial do Paranoá para que as lembranças de infância de Clara Helena de Castro Rocha, 31 anos, e de seu marido Antônio Martins de Souza, 29 anos, sejam reavivadas. Os dois cresceram ali no espaço onde hoje está o parque e que antes era chamado de Paranoá Velho. "Aqui era a invasão, todo mundo morava embaixo, depois subimos para onde está o Paranoá hoje", conta Clara. Em 1986, ano em que ela saiu da casa da tia, em Ceilândia, para morar com a mãe, na invasão, o Paranoá Velho pipocava de gente. Havia mais de 25 mil homens e mulheres vivendo em barracos de madeira, sem água, nem energia elétrica. E a cada dia chegava mais gente.

Clara recorda-se que buscar água nas bicas instaladas na área era uma das principais brincadeiras da molecada. "Quando se é criança, até buscar água na bica é divertido". Também lembra de ter trocado alguns de seus primeiros beijos em frente à Igreja São Geraldo, marco do Paranoá Velho, da qual hoje só resta uma escadaria de alvenaria. "Eu nunca fui católica, mas vinha porque era um bom lugar de paquerar", conta. Antônio, por sua vez, também conhecia a mulher, usou a par-tinência da mesma igreja para beijos menos inocentes. "Eu era mais esperto", brinca com ela.

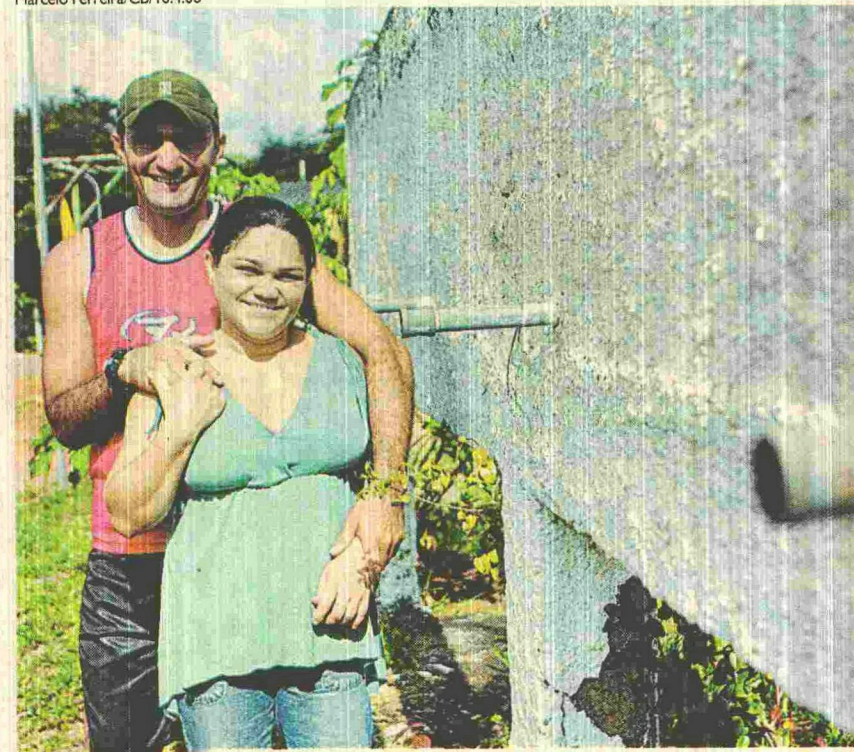
Em 1988, o GDF começou a transferir os moradores para a área onde hoje está a cidade. Em 1989, a mãe de Clara, Mariaholanda Mascarenhas Rocha, 50 anos, recebeu seu lote na quadra 15. É verdade que a transferência de local transformou quem era "invasor" em cidadão. Mas, os problemas de infraestrutura persistiram. Até ter a cara de hoje – cidade com comércio fervilhante e bons serviços públicos, o Paranoá padecia com a falta de urbanização. Ir-mã mais nova de Clara, Tatiane, de 26 anos, lembra que as ruas de barro da então nascente cidade rendiam brincadeiras inusitadas como a de "lamaçal". "Era só chover para agente começava a escorregar na lama, minha mãe odiava isso", diverte-se.

Nessa época, Clara já estava deixando de ser criança. Aos 15 anos, ficou grávida da primeira filha: Tayane, hoje com 16 anos. "Aí, acabou a brincadeira", conta. Sorte que as coisas no Paranoá estavam começando a melhorar. No antigo acampamento, por esta época, estavam funcionando uma escola, um posto policial e um posto de saúde. Foi, neste posto de saúde, onde a mãe/menina Clara fez o pré-natal de Tayane, que ela pediu para tirar foto. "Lembro que o governo deixava um ônibus no centro para nos trazer para cá. O ônibus era daqueles velhos, gorduchos. Na novela *Tieta* tinha um igual, então apelidamos ele de "Marinete", mesmo nome do ônibus da novela".

Nascida Tayane, Clara tratou de arranjar emprego, começou a trabalhar como manicure e depila-

Clara Helena de Castro e o marido Antônio Martins de Souza participaram do processo de consolidação e crescimento da vila. Eram tempos heróicos. Até buscar água nas bicas se transformava em brincadeira para a criança. Invasão virou cidade, mas a violência preocupa a todos

Marcelo Ferreira/CB/16.4.06



dora – serviços que exerce até hoje. Para ela, bem como para a maioria dos moradores do Paranoá, uma das grandes vantagens da cidade é estar próximo aos Lagos Sul e Norte e ao Plano Piloto, locais onde a maioria deles trabalha.

Clara também gosta do Paranoá porque ali vivem os seus parentes: "É gostoso, nos finais de semana, fica mais fácil de nos encontrarmos". Quanto aos amigos de infância, ela diz que muitos foram embora. "Muita gente já se mudou,

se valorizou demais. Não dá mais para dizer que é o mesmo pessoal do Paranoá Velho". Por ironia do destino, o que a incomoda hoje é o Itapoã, cidade que com 45 mil moradores nasceu como invasão e hoje virou região administrativa. Segundo ela, nos últimos quatro anos, a violência aumentou demais por causa do novo núcleo de urbano. "Entendo que as pessoas precisam de moradia, mas acho que o governo também tem de se preocupar em dar emprego para este povo".